

Efeito cascata dos combustíveis

João Cerqueira

Embora os técnicos do governo digam que não, o efeito do aumento dos combustíveis em outros setores da economia é praticamente inevitável. Representantes do setor de transporte de cargas prevêem que o aumento dos combustíveis provocará uma indesejável redução na margem de lucro, e que um reajuste de preços poderá acabar se refletindo no preço final dos produtos. Os taxistas temem perder mais passageiros se houver algum reajuste na bandeirada, mas não querem trabalhar com prejuízo. As passagens de ônibus, que já foram aumentadas este ano, poderão também ficar mais caras.

A partir de segunda-feira, gasolina e álcool sobrem 6,3%; o gás de cozinha terá reajuste de 4,64% e o óleo diesel de 3,5%. O efeito cascata nos preços começa pelo setor de transporte de cargas. O presidente do Sindicato de Transporte de Cargas do Rio de Janeiro (Sindicarga), Eduardo Rebuzzi, disse ontem que a categoria pretende negociar um aumento de pelo menos 2,5% no valor do frete. Um transporte entre São Paulo e Recife hoje custa entre R\$ 120 e R\$ 180 por tonelada e representa, em média, de 3% a 5% do valor final dos produtos.

“O aumento do óleo diesel implica no aumento do custo operacional das empresas transportadoras. Além disso, há outros aumentos que vêm em seguida, como pneus e lubrificantes”, explicou Rebuzzi. O presidente do Sindicarga diz que no mês que vem o aumento dos combustíveis vai se refletir no Índice Nacional de Custo de Transporte (INCT).

Num país onde as rodovias predominam, os caminhões hoje são responsáveis pelo transporte de 70% de toda a produção nacional. Sozinho, o setor movimenta R\$ 30 bilhões anuais, o equivalente a 6% do Produto Interno Bruto (PIB).

Além do pacote, o aumento dos juros bancários anunciados na semana passada foi um golpe na categoria. “Nosso setor vende muito a prazo e por isso sofremos muito com o aumento de juros. Além disso, este ano já tivemos aumentos de pedágios que não foram repassados para o frete. Desta vez, não há como absorver o aumento. Em todo o país existem 1 milhão de caminhões, sendo 200 mil deles no Estado do Rio. Três milhões de pessoas trabalham no setor”, afirmou Rebuzzi.

Ônibus – Também os ônibus e táxis sofrem diretamente com o aumento dos combustíveis, que fazem parte de sua planilha de custos. Os empresários de ônibus, no entanto, vão ter que brigar muito com o governo para conseguir algum aumento nas passagens. Este ano, as passagens dos ônibus municipais e intermunicipais já foram reajustadas e tanto a Prefeitura do Rio quanto o estado não estão dispostos a autorizar um novo aumento.

“O Departamento de Transportes (Detro) do estado pretende seguir à risca a filosofia do Plano Real, que é de dar somente um aumento por ano. As passagens este ano já subiram e não deverão aumentar novamente”, disse Celso Borga, assessor de Comunicação Social do Detro.

O secretário municipal de Trânsito, Paulo Afonso, disse que até ontem à tarde os empresários de ônibus do município não tinham enviado qualquer pedido de aumento à prefeitura.

As empresas de ônibus municipais e intermunicipais encorajaram à Associação Nacional de Transportes Urbanos (Antu) um estudo para avaliar qual será o impacto do aumento dos combustíveis nas passagens. O estudo fica pronto hoje e somente após o seu exame o setor tomará alguma posição.

Guerra – A operadora de telemarketing Rosângela Martinho Coutinho, 36 anos, diz que seu salário não suportará um novo aumento de passagens. “Eu pego um ônibus que vem de Niterói para ir de São Cristóvão até a Tijuca, onde moro. Eles deveriam cobrar R\$ 0,60 pela minha passagem, mas os donos das empresas de ônibus desrespeitam a lei e cobram R\$ 1,63, como se eu fosse até Niterói. Isso não pode. A gente vive numa guerra onde só o salário não sobe”, diz.

Já o técnico de manutenção Paulo César Pinto, 46 anos, encontrou uma maneira de não se prejudicar com um possível aumento de passagens. “Vou repassar a diferença para o preço dos meus serviços”, diz ele, que depende do ônibus para se deslocar para vários lugares da cidade, onde atende seus clientes.

A presidente do Sindicato dos Taxistas, Adriana Iório, retorna hoje de Brasília, onde teve um encontro com o ministro Francisco Dorneles, da Indústria, Comércio e Turismo. “Quando ela chegar vamos fazer uma assembleia e decidir o que dizer para a categoria”, informou o diretor do sindicato, Ophir Luís Rocha Barbosa.

Já os motoristas de táxi acham que, mesmo perdendo dinheiro, qualquer aumento pode trazer um prejuízo maior. “Já estamos perdendo metade dos passageiros desde janeiro passado. Se aumentar, vai ser pior ainda”, diz Arlindo Bauer, motorista de praça há 22 anos. “Nunca houve um período tão ruim. Além disso, ainda tenho R\$ 2,4 mil para pagar de multas da Linha Vermelha”, diz Sidnei Nunes Janick.



O Sindicato de Transporte de Cargas tentará negociar aumento de 2,5% no valor do frete para compensar o reajuste do diesel